



## AS IDENTIFICAÇÕES DO SUJEITO ENTRE-LÍNGUAS ESTUDANTES DO CURSO DE LETRAS

Tatiana Gritti<sup>1</sup>

A proposta desta pesquisa que é a de investigar a constituição identitária do sujeito entre-línguas. Não se trata de uma discussão sobre o domínio idealmente concebido de outras línguas, mas de entender como se constituem, pela linguagem, os sujeitos que falam mais de uma língua e que, por consequência, são atravessados por traços culturais conflituosos. Ao discutir sobre a noção de identidade, logo pensamos em um conjunto de características que diferenciam uma pessoa ou grupo de outro e que estão associadas, entre outras coisas, ao lugar em que nascemos, à língua que falamos, às tradições que cultivamos. Assim, alguém que nasce e vive no Brasil, fala português e cultiva as tradições brasileiras pode ser considerado brasileiro. Mas como, então, identificar alguém que nasce na Itália, mora no Brasil e fala inglês, italiano, espanhol, português e tem um pouco de cada lugar nas tradições que cultiva? São múltiplas ou nenhuma identidade? É possível encontrar uma identidade “verdadeira”? Para Hall (2006, p. 8), todos nós temos um sentimento de identidade que está ligado à noção de “pertencimento”, de fazer parte de grupo étnico, racial, linguístico, religioso e, principalmente, nacional. O sentimento de pertença cria laços que permitem que pessoas distintas se unam em um mesmo círculo. Nesse sentido, e levando em consideração que a noção de identidade toma a língua como elemento de constituição do sujeito, este trabalho procura investigar como o conflito de se estar entre línguas interpela o sujeito e que lugares ele assume, ou seja, buscamos compreender como se constituem, pela linguagem, os sujeitos que falam mais de uma língua e que, por consequência, são atravessados por traços culturais conflituosos.

Para atender a esse questionamento, realizamos oito entrevistas com estudantes do curso de Letras Português e Espanhol da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), descendentes de imigrantes de italianos e alemães, buscando nos conceitos da Análise de Discurso (AD) de linha francesa o suporte teórico. A identificação desse grupo se deu por autodeclaração em uma pesquisa encaminhada por e-mail a todos os estudantes do curso de Letras da UFFS campus Chapecó convidando-os a responder a pergunta: “Como você define sua origem?”. A partir desse contato inicial, os estudantes que se autodeclararam descendentes de imigrantes de italianos e/ou alemães foram convidados a realizar uma entrevista que possuía um roteiro prévio de perguntas que consistia, basicamente, em levantar informações sobre a relação desses estudantes com a língua de seus ascendentes. Após a realização das entrevistas, os dados foram transcritos de modo que fossem realizados recortes para análise e a construção do *corpus* se deu a partir das regularidades (homogeneidade) e também das dispersões (heterogeneidade) encontradas nos relatos dos entrevistados. Assim, buscamos, a partir do que emerge das narrativas desses estudantes, discutir

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Chapecó. [tatianagritti@gmail.com](mailto:tatianagritti@gmail.com)



como o imaginário sobre língua produz identificação; entender como funciona a relação ser-estar-entre-línguas; buscar traços da memória discursiva sobre a relação entre-línguas e problematizar que lugares o sujeito assume a partir dessa relação entre-línguas.

Entendemos que integrar um grupo social - seja ele familiar, escolar, de amigos - é parte de um processo de inclusão do indivíduo que na medida em que se identifica se sente aceito por esse grupo e a língua tem um papel importante nesse processo. Esse sentimento de pertença faz parte da constituição identitária do sujeito e é produzido na relação com o outro. De forma geral, o conceito de identidade aponta para o que é igual, único, do latim *idem* significa mesmo. Ao mesmo tempo, menciona Coracini (2003), a noção nos remete a questão da diferença, posto que é pela identidade que nos diferenciamos dos outros. Em ambas as conceituações, entendemos, assim como Coracini, que identidade pressupõe um conjunto de características estáveis e fechadas. No entanto, se levarmos em consideração que o sujeito é “cindido, descentrado, inconsciente, habitado pelo outro” (CORACINI, 2003, p. 150), então é impossível vê-lo como único e acreditar em uma identidade fechada. Assim, conforme a autora, só é possível descrever momentos de identificação em que se destacam características mútuas de um grupo, mas que mudam constantemente, ou seja, a identificação não é um conjunto fechado e estável de traços que diferencia uma pessoa da outra, mas um processo que se modifica e considera a multiplicidade de discursos que constituem o sujeito.

Em nosso gesto analítico, pudemos observar que a noção de língua é atravessada pela heterogeneidade. Isso significa dizer que ela não é fechada, estável, fixa, mas sim está sempre em movimento, lá e cá. Entendemos, corroborando com Coracini (2007, p. 131), que “não se possui nunca uma língua”, que somos e estamos sempre entre várias línguas e elas nos constituem. Foi possível perceber, ainda, como o imaginário sobre a língua e como a relação entre-línguas produzem identificações e marcam um conflito identitário. Para alguns a língua portuguesa constituiu, ao mesmo tempo, o lugar do repouso, em que as experiências negativas poderiam ser esquecidas, e o lugar do estranhamento, pois confrontava-se com a língua materna. Na busca por esse repouso, alguns de nossos entrevistados buscaram o curso de Letras, pois somente lá encontrariam a língua da norma culta e, assim, saberiam ler e escrever melhor. Essa busca também fez com que sua língua materna fosse silenciada, produzindo tensão e sofrimento. Nesse processo, verificamos também que as narrativas desses estudantes manifestavam traços de memória quando, conforme Payer (1999, p. 29), a partir de políticas governamentais como as implementadas na Era Vargas, houve um apagamento deliberado da memória discursiva por meio da interdição da língua o que, conseqüentemente, produziu um discurso sobre a unidade da língua reproduzido ainda hoje. A campanha de nacionalização desse período, entendida como uma política de silenciamento das línguas de imigração, visava constituir uma identidade brasileira impondo uma língua única o que afetou, não somente os descendentes de imigrantes, mas toda a geração que viria posteriormente.

Dessa forma, as análises realizadas evidenciam que a memória discursiva sobre a língua e sobre a cultura de um país produzem identificação e também constituem momentos de angústia e sofrimento uma vez que desestabilizam os sujeitos. Observou-se que no processo de nacionalização,



impondo uma língua única, se produziu tensão, criando um conflito identitário ao estabelecer a homogeneidade linguística como forma de se produzir um “ser brasileiro”. Esse imaginário sobre uma cultura interpela o sujeito a assumir lugares, a partir de momentos de identificação, de forma que se entenda fazendo parte de um grupo.

Diante do exposto e tendo em vista o contexto multicultural em que vivemos, acreditar em uma identidade única, fechada e homogênea, apaga a existência da diversidade. Entendemos, assim, que as identidades são diferentes e estão sempre em movimento, reivindicando espaço. Nesse sentido, consideramos que tratar da questão da identidade é compreender os lugares que o sujeito assume já que, de acordo com Hall (2011, p. 111-112), o termo identidade significa o ponto de encontro, por um lado, entre os discursos e as práticas que tentam interpelar os sujeitos, os convocando a assumir seus lugares como sujeitos de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que constroem os sujeitos que podem falar.

## REFERÊNCIAS

CORACINI, Maria J (org.). **Identidade e discurso: (des)construindo subjetividades**. Editora Unicamp, Campinas; Argos Editora Universitária, Chapecó, 2003.

CORACINI, Maria J. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilingüismo e tradução**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

DERRIDA, Jacques. **O monolinguismo do outro**. Trad. Fernando Bernardo. Porto: Editora Galilée, 1996.

ECKERT-HOFF, BEATRIZ M. Sujeitos entre-línguas em contextos de imigração: incidências na subjetividade. **Letras & Letras** (Online), v. 32, p. 135-147, 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/33640/19144>>. Acesso em 13 abr. 2017.

GHIRALDELO, Claudete M. **As representações de língua materna: entre o desejo de completude e a falta do sujeito**. 2002. 225 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. DP&A Editora, Rio de Janeiro, 11. ed. 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p.103-133.

PAYER, M. O. **Memória da língua: Imigração e nacionalidade**. 1999. 186 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: 1999.

PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise. **A língua inatingível: o discurso na história da linguística**. Tradução: Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004.